

CENTENÁRIO DA EGÉRIA CUIABANA

Benedito Pedro Dorileo

No fim do século XIX, a Sociedade Dramática Amor à Arte, fundada em 3 de junho de 1877 pelo Comendador Henrique José Vieira, perde a sede do seu Teatro, velho prédio da Rua Joaquim Murтинho, atrás da Sé Catedral, no centro de Cuiabá, que desaba na manhã de 14 de setembro de 1894. A reconstrução somente aconteceria em 1903, havendo um interregno nas encenações, quando os cuiabanos pediam a reapresentação da peça inaugural da fundação, *A Torre e Novo Otello*, uma comédia.

Um palco e uma sala com cobertura de zinco e o espaço estava novamente garantido. Uma menina nessa época, mais tarde a compositora e pianista do mesmo Teatro, por enquanto tinha oito anos incompletos de idade, pois nascera em 14 de novembro de 1895.

Na Rua de Cima (Pedro Celestino), a criança, orientada pela mãe Luiza, costureira exímia, confeccionava bonecos, vestidos ricamente de seda, cetim e renda, segundo a exigência da indumentária dos personagens do seu teatrinho, animados pela voz da artista pequenina. E eles dialogavam, riam, cantavam e choravam. E o papai Gabriel, com laboratório fotográfico próprio, registrava a foto da filha, trajada de calçola, camisa e botas.

Estimulada pelo ambiente cioso de cultura artística da isolada cidade verde, em 1909, a mocinha de catorze anos cria o seu primeiro grupo de teatro amador, reunindo as contemporâneas Alcemena Canavarros, Felenila da Silva, Jacintha de Siqueira e ainda Virgília, Oritia, Aricina e Esther. Todas dividiam o tempo em estudos humanísticos no Lyceu Cuyabano, música com a Professora Judith Catilina e dedicação ao teatro amador.

Dar forma vistosa e bela às coisas, combiná-las nas trovas, reproduzi-las no palco, delirá-las na música, tudo o grande sonho da mocinha. Em 1912, a jovem Zulmira já era conhecida pelo gosto estético, despertava-lhe a virtuosidade.

Crescia o movimento artístico, com freqüentes saraus no solar do Comendador Henrique e de D. Antônia Joaquina Monteiro, à margem esquerda do córrego da Prainha, muito próximo da Igreja do Rosário, onde se tornou noiva de Danglars Canavarros, e esposa, em casamento de 18 de março de 1915.

Zulmira equaciona as horas entre o teatro e a música, chegando, em 1930, a oficializar, com Gertrudes Machado, o Instituto Mato-grossense de Música, que já vinha de 1920, idéia nascida no bicentenário de Cuiabá, em 1919, com Maria Beatriz Mascarenhas. Na primeira etapa colaboraram Emilio Hainnè e Eucário de Figueiredo, e, na segunda, Olegário de Barros, Ataíde de Matos, Alda de Matos e Georges Pommot. Os pianistas removeram de suas casas os seus pianos, levando-os para a sede do Instituto, na Rua de Baixo (Galdino Pimentel). Citam-se alguns dos brilhantes alunos de então: Afrânio Correa, Aluísio e Lima Bastos, Alairde Novis, Erotides Canavarros, Maria de Arruda Müller, Luis-Philippe Pereira Leite, Iracema Noronha, Nizza Verlangière, Irene de Campos, Aracy Figueiredo, Aristides e Joaquim Rondon.

Como conta o grande e saudoso Rubens de Mendonça, (oitenta anos em 27 de julho de 1995), o Teatro Amor à Arte, transformado em Cine Teatro República, da Empresa Ernesto Bonamico, inaugurou, em 30 de março de 1933, os aparelhos falantes. É certo, pois, até então, o cinema mudo, estrelando Pola Negri e outros atores, tinha em Zulmira Canavarros a musicalidade do piano, coadjuvada por Honório Simarinho e Eugênio, Odorico e Agnelo, com instrumentos como violino e viola, oboé e clarinete. Estava ali uma Orquestra de Câmara.

Em 1942, Júlio Müller (Centenário de nascimento em 6 de janeiro de 1995), o homem que, no seu governo, plantou definitivamente Cuiabá, como Capital de Mato Grosso, inaugurava o Cine Teatro Cuiabá, dentre tantas obras gigantescas. Zulmira, no palco, a maior sala de espetáculos do Centro-oeste, ensaia e dirige "*Cala boca, Etelevina*", comédia de Armando Gonzaga da Silva, em sessão inaugurativa. Dirigiu tantas outras peças de consagrados teatrólogos brasileiros; e, da sua autoria, outras como "*Vitimas do Progresso*" e "*Frutos da Época*". No Jubileu de prata de Dom Aquino Correa, por ocasião do Primeiro Congresso Eucarístico de Cuiabá, em 1952, dirigiu "*A Feia*", de Paulo de Faria Magalhães, merecendo do aplaudido Procópio Ferreira os encômios

mais abertos. Teria sido a sua última atividade teatral mais destacada.

Fundadora de Clubes

Consagrada à cultura, à arte e ao lazer, qual flor de rochedo, desabrocha inteiramente o seu poder sensitivo e pontilha de beleza novos caminhos.

Gertrudes Machado Ribeiro, amiga fraternal de Zulmira Canavarros, deu-lhe apoio, em 1928, para, ao lado de Balbina Garcia, Francisca Bastos Cuiabano, Hercília da Costa Marques, Maria Alzira Alderet, Anna Luiza de Matos e outras cultas e voluntariosas da época, fundar o Clube Esportivo Feminino, em 19 de abril desse ano. O Presidente do Estado Mário Correa da Costa encorajou e a primeira dama D. Dulce Marinho Correa da Costa foi eleita Presidenta de Honra. Zulmira preferiu a diretoria esportiva e indicou Hercília para Presidente.

O Clube Feminino promovia o volibol e o basquetebol, e as moças animavam-se em praticar esporte, ouvir boa música, realizar saraus dançantes ou sessões teatrais ou lítero-musicais. Os moços cortejavam as lindas cuiabanas, com vestidos colados ao corpo pela modelagem do espartilho; conquistaram elas românticos amores e muitos casamentos foram consumados.

Não se imagina o agradável ao útil, não foram utilitaristas, foram sonhadoras e cultas, essências herdadas de família, e projetaram Cuiabá, como a Atenas mato-grossense.

Zulmira Canavarros preparava o uniforme das esportistas, projetava e cosia as fantasias carnavalescas, escrevia as peças-revistas, musicando-as ao piano e ensaiava, com o marido Danglars, os grupos. Era a alma do Clube.

Esta agremiação mais tarde com magestosa sede própria, na Rua Barão de Melgaço, teve época marcante na cultura de Mato Grosso, tantas foram as diretorias laboriosas que se sucederam, como a gestão de D. Nini Constantino. O Brasil ouvia algumas das suas promoções pela Rádio Tupi do Rio, como os desfiles da moda Bangu. Artistas nacionais, entre eles a cantora Dalva de Oliveira e o violonista Dilermando Reis, apresentavam-se no Clube.

Situemos o tempo, primeiros lustros ou décadas deste século e sintamos o isolamento, a distância, e até o abandono do outro Brasil, do poder central, para que a admiração seja sobrelevada desta civilização cuiabana, que resistiu resignada a tudo para, hoje, ofertar-se a todos; e até ser imolada, por vezes, nestas horas.

Antes já dissera, o Clube Esportivo Feminino faz lembrar a peça “*Homem não Entra*”. Porém, na verdade compunha-se ele de delicadas pétalas de um jardim de rosas, enamoradas. O feminismo era agudo.

Zulmira percebe e lidera a criação do Mixto, a mescla capaz de prestigiar, nominalmente, ambos os sexos. E consegue. Em 20 de maio de 1943, Zulmira reúne moças e rapazes na casa do Coronel da Guarda Nacional Avelino de Siqueira e de D. Maria Luiza Hugueney de Siqueira, na rua 7 de setembro (casarão tombado, atualmente, pelo Patrimônio Histórico) e faz lavrar a ata de fundação do Mixto Esporte Clube. A primeira diretoria tinha-a como Presidente, Carlos Hugueney de Siqueira como Vice-Presidente e Delfino Nonato de Faria como Primeiro Secretário, e mais componentes.

Nascia o Mixto com as cores preto e branco, com faixa diagonal contornando frente e costas, bordado um losango horizontalmente no peito, para encerrar as letras iniciais, seu distintivo. Assemelhava-se à camisa do Clube de Regatas Vasco da Gama, que difere pela cruz de malta vermelha, fundado pelos cariocas em 21 de agosto em 1898.

Zulmira organiza a lista dos associados, todos colaboram e implantam a sede do Clube na Rua Cândido Mariano (somente em sua terra natal, Rondon é assim identificado em uma via pública). Nos fundos para a Getúlio Vargas, Ranulfo Paes de Barros, o Pai do Mixto, lidera a construção da sede social, hoje desativada, e ainda *sub judice*.

Bandeira, estandarte, Zulmira compõe o hino do Mixto ao piano, fazendo recender o idealismo do esporte amador. Não se conspurcava com excrementos capitalistas. As cores não tinham a nódua da propaganda da avassaladora coca-cola, parmalat e outros quejandos.

Das quadras irestritas do vólibol ou basquetebol das moças, o Mixto avança para o futebol, conquistando tantos títulos, até atingir o profissionalismo, implantado em Mato Grosso indiviso em 1967.

Como é triste registrar, neste 1995, o Centenário de nascimento da Fundadora, tendo o Mixto licenciado, fora do Campeonato estadual. É triste, ainda, o coração de Nally de Siqueira, de uma família co-fundadora, que viu o Mixto no berço, a nascer em sua casa, não fosse o seu falecimento, no início deste ano, em 16 de janeiro. Grande Nally, a torcedora sempre presente no estádio, até aos 91 anos de idade, que tanto entendia, discutia e poderia escalar o time.

A RÁDIO A VOZ D'OESTE

René Descartes afiança que:” *não é suficiente ter bom espírito, o principal é aplicá-lo bem*”. E Zulmira o fez na universalidade das suas ações. Se a decantada Marcha para Oeste não chegava, criar instrumentos de divulgação de idéias era indispensável.

As primeiras radiotransmissoras surgiram no Brasil em setembro de 1923 com a Rádio Sociedade, e, em outubro de 1924, com, a Rádio Clube, no Rio de Janeiro. No centro geodésico da América do Sul, na sertaneja Cuiabá, João Jacob (Jercy), professor, poeta, compositor, músico e técnico em radioeletricidade, monta, em 1939, um pequeno engenho, um radiotransmissor, levando ondas hertzianas aos poucos receptores da cidade cuiabana. Em outubro, dá-se a primeira experiência. O alcance foi relevante, pois, de Coxipó da Ponte, Totó Dorileo (Antônio Gratidiano Dorileo) acusou a recepção.

No quintal da casa de Zulmira, ligando-se ao de Lulu Cuiabano, estava o pequeno transmissor, com programação experimental, para, somente em 1944, ser conquistada a autorização oficial perante o Ministério da Viação e Obras Públicas, da Rádio Sociedade A Voz D'Oeste. A inauguração aconteceu em 12 de dezembro de 1944, sendo madrinha do ato a Primeira Dama do Estado, a Acadêmica Maria de Arruda Müller, ainda entre nós galhardemente viva, presentindo o dealbar do seu centenário em 9 de dezembro de 1998.

A população cuiabana, aflita pelas notícias da segunda grande guerra (escrevo neste 6 de agosto, cinquentenário da terrível bomba atômica em Hiroshima), pois, além de tudo, soldadinhos cuiabanos também estavam no palco guerreiro das geladas montanhas da Itália, tinha a informação e era descontraída com programas líteros-musicais, com Zulmira Canavarros ao piano, Ivo de Arruda ao violino, Décio Gama ao violão, Juvenílio de Freitas à flauta e

Nino Ricci ao bandolim. O flautista foi, ainda, o primeiro locutor oficial.

Na casa de Zulmira concentravam-se os ensaios, tendo nela a líder da montagem musical, com adaptações criadas em lampejos geniais, no recolhimento ou na hora da execução artística. Resplendia o talento da compositora.

A pioneira Rádio A Voz D'Oeste teve o seu primeiro noticiário criado em estilo moderno, por Augusto Mário Vieira, o Bandeirante no Ar, com início em 7 de setembro de 1952. João Alves de Oliveira, posteriormente, fundou o Grande Jornal Falado, atuando até a sua morte precoce em 1968. Dele guardam os cuiabanos a saudade das suas crônicas diárias das "doze e cinco" e do reboliço dos programas de auditório, reveladores de belas vozes e de musicistas da terra.

O poeta Newton Alfredo celebrizou-se pelas novelas radiofônicas, que criava, sonorizava e transmitia.

De tanto pode ser contado desta emissora em suas diversas fases de vida como já escrevi, possuindo assinalado registro na história da radiofonia do Centro-oeste brasileiro.

O CENTRO ARTÍSTICO

Os casarões cuiabanos, com espaçosas varandas eram um convite constante para os saraus musicais, quando as famílias reuniam-se e cantavam e dançavam. Quão diferente, não havia na época o aprisionamento a uma telinha, que, hoje, impede o afeto da conversa descontraída e repousante. Digere-se o esgoto novelístico, que se espalha pelo país, sob o impacto mercadológico, destruindo toda a beleza da cultura regionalista.

Em 1935, o Conjunto Serenata organiza-se em sala cedida pelo Tesouro do Estado, na Travessa João Dias, com os jovens seresteiros: Nilson Constantino, Antônio Garcia (Tote), José Ferraz, José Rosa, Fábio, Hermínio V. da Silva, Odare Curvo, Marçal, Gigo, Vicente, Juvenílio de Freitas, Arminio Albernaz. E depois Hélio, Xilo, Tunta e Irineu. Sob liderança de Nilson, em 1947, era fundado o Centro Artístico, com a colaboração de Zulmira Canavarros, sendo ele Presidente e ela Vice-Presidente. Instala-se a sede no ano seguinte no salão de chá do Cine Teatro Cuiabá.

Zulmira realiza a campanha da aquisição do piano, participa das promoções semanais, por vezes transmitidas pela Rádio A Voz D'Oeste; e, logo, é eleita diretora Artística do Centro, com Rubens de Castro na Primeira Secretaria.

O Centro Artístico, em 1950, já ministra cursos de extensão para a Comunidade, como os de Teoria Musical e de Arte Poética, prosseguindo por seis lustros de vida intensa e criadora.

Alexandre Dumas Filho acentua que: "*a arte necessita da solidão, da miséria ou da paixão. É uma flor que precisa de um vento forte e terreno rude*". Se a metáfora enriquece o estilo, a literalidade fala cruamente da cuiabá- solidão, da cuiabá-miséria, da cuiabá-abandono. E na Presidência da República estava um cuiabano, o General Eurico Gaspar Dutra, o primeiro eleito pelo voto direto, após a ditadura de Getúlio Vargas.

No entanto, o povo cuiabano deu a resposta da resistência e da sobrevivência. O vento árido, o calor, o chão duro do cerrado são componentes positivos da sua têmpera.

Quando, como Vice-Reitor, eu organizei a Orquestra Sinfônica e o Coral Universitário da Universidade Federal de Mato Grosso, com o apoio decisivo do primeiro Reitor Gabriel Novis Neves, na década de 70 e início da de 80, tive como base a nossa tradição de cultivar a música clássica e popular, secularmente em Cuiabá, além de contribuir para a universalidade de campo. A música seresteira (violão, bandolim, cavaquinho, violino e pandeiro) e a sertaneja, com a viola de cocho (existente na periferia urbana e mais freqüente na zona rural e pequenas cidades interioranas) eram projetos para desenvolvimento sucessivo. A Orquestra Sinfônica deve ser cada mais fortalecida com o clássico, razão maior da sua existência, como privilégio, que nem todas Universidades possuem.

O Curso de Música da UFMT tem suas raízes na Orquestra e Coral, quando compusemos, em grupo de trabalhosa estrutura e currículo, que somente não funcionou na época por contenção de despesa financeira do Governo da República, já na minha gestão de segundo Reitor da Instituição, a partir de 1982. Hoje, o curso está em atividade, feitas as devidas adaptações. Os nomes do Maestro Konrad Wimmer e Intendente Administrativo e músico Domingos Vieira de Assunção (orquestra) e do Regente Petter Ens e Professora

Lydia Ens (Coral) não podem ser esquecidos, e demais companheiros da primeira hora, quando nada desse porte havia em Mato Grosso indiviso. Criei na UFMT, em 1982, a Coordenação de Cultura, que coordena a Orquestra e o Coral, atualmente, que, a par dos 25 anos de criação da Universidade, em 1970, em plena celebração por certo lembrar-se-á de Zulmira Canavarros.

Dispõe a UFMT da TVE, que pode organizar programas culturais, mesas redondas com a Comunidade, etc. Em 1969, início da Televisão Centro América, ao vivo, participei de programas de cultura da Terra, dirigidos por May do Couto, com estímulo de Antonieta Ries Coelho. E havia tantos com Eugênia Paredes e outros.

A LIDERANÇA FEMININA

O grande literato brasileiro, nascido em Cuiabá, José Barnabé de Mesquita, tocado pelo alvoroço das investidas culturais da mulher cuiabana, escreve, em 1939, *De Livia a Dona Carmo* (As mulheres na obra de Machado de Assis), uma "These oferecida ao 2º Congresso das Academias e dos Intellectuaes do Brasil" - comovente análise literária e sociológica, com fina sensibilidade a enaltecer as letras mato-grossenses, raramente difundidas. E, hoje, pior ainda, páginas supernas cuiabanas estocam-se em nossos limites, barradas pelo poderoso "marketing" do brasil sulino.

Investigando o fundador da Academia Brasileira de Letras, Mesquita ressalta: "*a mulher que ressaé da galeria machadiana, numa impressão de conjuncto, que diremos ser a média feminina por elle estabelecida, não será, pois, essa creatura viciada, artificial, impregnada de frivolidade*" ... Era a moral afinada com as virtudes do movimento feminista, que vinha da década de 20, deste expirante século XX.

Celebrando o dia da Independência, no dia 7 de setembro de 1921, estavam no Palácio da Instrução (planejado no governo de Pedro Celestino C. da Costa, em construção no de Joaquim A. da Costa Marques e conclusão em 1913) Dom Aquino Correa, lado a lado com Mesquita, para fundar o Centro Mato-grossense de Letras (em 1932, torna-se Academia), elegendo-se o primeiro, Presidente de Honra, e o segundo, o Presidente. Uma mulher compunha o pequeno grupo de fundadores e elegia-se Tesoureira, na Primeira Diretoria, Anna Luiza do Prado. Foi Mato Grosso indiviso que, primeiro,

admitiu uma mulher em cátedra beletrista no Brasil.

No Centro ou Academia de Letras, as moças estão presentes e debatem, declamam, cantam, executam instrumentos; entre elas, Zulmira Canavarros, Maria Beatriz Mascarenhas, Alda de Oliviera, Maria Bastos, Venina Pitaluga, Hermínia Leite e tantas, seguindo no tempo, como Odilza de Freitas, Maria Canavarros e outras.

Em 1931, dá-se o ingresso da segunda acadêmica, a poetisa Maria de Arruda Müller, fortalecendo a presença feminina, que vem crescendo até nossos dias, com sete acadêmicas, já admitidas: as citadas e mais Dunga Rodrigues, Vera Randazzo, Nilza Pinto de Queiroz, Yasmin Nadaf e Elizabeth Madureira.

Somente após o Ano Internacional da Mulher, celebrado em 1975, a Academia Brasileira de Letras, fundada em 20 de julho de 1897, alterou o seu estatuto, em 1976 (emenda Osvaldo Orico) para admitir a representante feminina.

Em Mato Grosso, a mulher, desde o início do século, inspirou as letras e as artes. Mas a virtuosidade era gêmea do civismo e o talento feminil revela-se também na vigília cívica, como em 1929, com os poemas *A Heroína do Carandá* ou *as Mulheres de Coimbra* ressoando epicamente em Cuiabá.

O Arcebispo cuiabano, Dom Francisco de Aquino Correa é eleito para Academia Brasileira de Letras e as moças cuiabanas adiantam-se na homenagem, em 21 de maio de 1927, no longo programa, puramente feminino, no Centro de Letras, que inicia com a Fantasia de Schubert, opus 15, por Elza de Figueiredo e encerra-se com Tristesse Mezzacappo, por Cesarina e Célia de Mattos.

Elas invadem jornais e revistas. Criam periódico próprio, como *A Violeta*.

O movimento de 1933, no Rio de Janeiro, pelo Progresso Feminino, com Iveta Ribeiro, encontra eco imediato em Cuiabá, e surge a Federação Mattogrossense pelo Progresso Feminino, com a liderança de Nídia Moura.

As investidas continuam, em 1º de maio de 1934 as cuiabanas fundam, solenemente, no Palácio da Instrução, a Liga Feminina Pro-Alistamento Eleitoral, conquista do voto feminino e a luta contra a mudança da Capital de

Mato Grosso para Campo Grande.

As moças do Grêmio Júlia Lopes, que mais tarde fundariam a Escola Doméstica Dona Júlia, escrevem e debatem temas literários, mas deslisam com descortino nos assuntos sócio-políticos, no Instituto Histórico de Mato Grosso ou na Academia.

Em 1937, as letras de Maria Dimpina e Benilde Moura estavam nas revistas, jornais e nos salões, na Igreja e no Quartel.

Assim era o universo de Zulmira Canavarros. Não entendo por que ela não fora admitida na Academia, ou, em verdade, na sua vida e obra missionárias não aceitou a provocação desta honra.

UMA VIDA ABERTA E FEBRIL

Viveu Zulmira ao lado do marido Danglars e a única filha Maria, modestamente, no bairro da Boa Morte, em Cuiabá, pequena e tranqüila cidade verde, com o lar permanentemente em festa, onde artistas, intelectuais, professores e estudantes encontravam o prolongamento do lazer cultural, ou da sala de aula, onde a mestra pontificava na música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais, no Liceu Cuiabano.

Na Igreja Católica complementava o seu mister, orando, ou espiritualizando os cânticos, ao solo do órgão.

De espírito ledado, a sua matemática parece ser a de Pitigrilli: "*O riso é a aritmética elementar, o humorismo é a álgebra, a ironia é o cálculo infinitesimal*".

Zulmira d'Andrade Canavarros, até nos deixar em 14 de setembro de 1961, foi em si uma instituição de cultura.

Ofertemos a ela uma rosa no seu Centenário de Nascimento, em 14 de novembro de 1995. Daquela do poeta Francisco de Rioja: "*pura, incandescente rosa, émula da chama que sai com o dia*". A rosa, tal como a EGÉRIA CUIABANA, assim a titulei em meu livro, tem vida representativa de quem esplende, perfuma e finda na dor do desfalecimento.